

A revista Escola Secundária e as orientações teórico-metodológicas para o ensino de história (1957 - 1963)

Francisco Gomes Vilanova¹

Resumo: O presente artigo analisa as orientações teórico-metodológicas voltadas para o ensino de história presentes na revista “Escola Secundária” entre 1957 a 1963. O recorte temporal corresponde aos anos de sua publicação e circulação. A revista era editada pela Diretoria do Ensino Secundário vinculada a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES) cujo objetivo era promover orientação educacional para os professores do ensino secundário que, na ocasião, encontrava-se em larga expansão no país. O arcabouço teórico está baseado nas concepções de Catani (1996), Chartier (2002), Pinto (2008), Magaldi e Xavier (2008), entre outros. O estudo privilegiou a análise dos artigos direcionados ao ensino de história buscando apreender as inovações teórico-metodológicas sugeridas aos professores da área. A análise realizada indica que a revista foi um importante dispositivo para o processo de formação de corpo docente secundário. As publicações relacionadas ao ensino de história apontam para a preocupação em sugerir diferentes procedimentos de ensino que atendessem as novas exigências daquele contexto.

Palavras-chave: CADES. Escola Secundária. Ensino de História. Imprensa Pedagógica. Revista.

Abstract: This article analyzes the theoretical and methodological orientations for the teaching of history present in the "Secondary School" magazine between 1957 and 1963. The temporal cut corresponds to the years of its publication and circulation. The magazine was edited by the Directorate of Secondary Education linked to the Campaign for Improvement and Diffusion of Secondary Education (CADES) whose objective was to promote educational guidance for secondary school teachers who, at the time, was expanding in the country. The theoretical framework is based on the conceptions of Catani (1996), Chartier (2002), Pinto (2008), Magaldi and Xavier (2008), among others. The study privileged the analysis of the articles directed to the teaching of history seeking to apprehend the theoretical-methodological innovations suggested to the teachers of the area. The analysis performed indicates that the journal was an important device for the process of formation of secondary teachers. The publications related to the teaching of history point to the concern in suggesting different teaching procedures that would meet the new requirements of that context.

Keywords: CADES. Secondary school. Teaching History. Pedagogical Press. Magazine.

The Secondary School magazine and the theoretical-methodological guidelines for the teaching of history (1957 - 1963)

¹ Doutorando em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ); e pesquisador do Núcleo de Educação, História e Memória (NEHME/UFPI). Professor permanente da Universidade Federal do Piauí. Email: vilanova@ufpi.edu.br

INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe uma discussão sobre as orientações teórico-metodológicas voltadas para o ensino de história presentes na revista “Escola Secundária”. A revista foi publicada em 1957 e circulou até meados de 1963. Era editada pela Diretoria do Ensino Secundário vinculada as ações da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES). A Campanha foi criada em 1953 e tinha como finalidade difundir o ensino secundário e promover a qualificação de seu corpo docente em caráter de emergência devido a expansão de matrículas registradas no período, o que exigia uma demanda maior de professores que ingressavam no magistério secundário de forma improvisada. Desse modo, “o corpo docente do ensino secundário era basicamente constituído por profissionais liberais (advogados, farmacêuticos, médicos, engenheiros), padres e normalistas” (PINTO, 2008, p.151).

O estudo vincula-se aos postulados da Nova História Cultural que, de acordo com Chartier (2002, p. 16), “[...] tem como principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Seguindo essa perspectiva, Lopes e Galvão (2010, p. 35) elucidam que “Na história da educação, essas tendências historiográficas também provocaram mudanças na seleção dos objetos de pesquisa e na forma de abordá-los”. Diante disso, o estudo da imprensa pedagógica utilizada com o propósito de divulgar informações de interesse dos sujeitos escolares tem se mostrado como importante tema de estudo e fonte para a compreensão da história da educação. Para Catani (1996, p. 116),

O fato das revistas de ensino fazerem circular informações sobre o trabalho docente, a organização dos sistemas de ensino, as lutas da categoria profissional do magistério, bem como os debates e polêmicas que incidem sobre aspectos dos saberes ou das práticas pedagógica, tornam as mesmas uma instância privilegiada para a investigação dos modos de funcionamento do campo educacional.

Nesse estudo elegeu-se a revista “Escola Secundária” como objeto de estudo para a compreensão do contexto educação de meados dos alunos 1950 e 1960. O impresso fazia parte do programa de formação de professores proposta pela CADES e circulou como um instrumento de orientação educacional, especialmente para os docentes que não tinham formação para o exercício da função. Em seu conteúdo aparece publicação de conferências, palestras e artigos sobre a importância da educação secundária para o país, além de uma seção

específica para cada disciplina com reflexões, relatos de experiências e sugestões metodológicas relacionados aos problemas de cada área. Esse estudo delimita-se em analisar as orientações teórico-metodológicas presentes nas publicações da seção direcionada ao ensino de história.

O texto encontra-se estruturado em duas partes: o primeiro reflete sobre a importância da revista como estratégia para a formação de professores. A segunda parte analisa aspectos das orientações para o ensino de história presentes na seção da disciplina ao longo dos 19 números publicados.

A REVISTA ESCOLA SECUNDÁRIA COMO ESTRATÉGIA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A revista Escola Secundária foi publicada em 1957 como instrumento de contribuição para a formação e qualificação de professores do ensino secundário por meio de orientações didáticas e teóricas e metodológicas. O impresso fazia parte das estratégias da CADES para a formação e qualificação de professores em razão da expansão do ensino secundário ocorrida a partir da década de 1950.

A CADES foi criada pelo Governo Federal por meio do Decreto nº 34.638, de 17 de Novembro de 1953 com o objetivo de elevar o nível do ensino médio em todo o país. Seu surgimento situa-se no contexto marcado por discursos e ações voltadas para as transformações socioeconômicas que visavam o desenvolvimento e modernização do país. Pinto (2008, p. 155) expõe alguns motivos apresentados como justificativa para a criação da Campanha, entre os quais:

- 1) o incremento dos processos de industrialização/urbanização do País, que provocou o aumento da demanda de educação média; 2) a complexidade cada vez maior da vida social, gerando novas exigências e necessidades em termos de educação; 3) a expansão das matrículas no ensino secundário, o ramo de maior prestígio social porque conduzia ao ensino superior; 4) a carência de professores habilitados e de instalações; 5) a inexistência de recursos, o que impossibilitava a expansão da oferta de ensino secundário público; 6) a predominância da presença da escola particular nesse ramo de ensino (cerca de 80%), o que acarretou acentuada queda da qualidade do ensino secundário.

Nesse contexto elege-se a educação como mecanismo impulsionador da modernização e desenvolvimento do país. A partir dos anos 1950 percebe-se uma gradativa expansão do

ensino secundário em decorrência da crescente demanda interessada em qualificar-se para integrar-se aos ideais de modernidade do país. Essa nova realidade implicou no aumento considerável da procura por escolas secundárias.

Registrrou-se, então, o aumento da demanda de educação média, provocando altas taxas de crescimento de todos os ramos desse ensino. As [...] escolas passaram, então, a ser procuradas por todos aqueles que desejavam ascender socialmente, provocando o crescimento explosivo do ensino secundário e levando à improvisação de professores e, conseqüentemente, à queda da qualidade de ensino. (PINTO, 2008, p. 149 – 150).

O aumento de matrícula desencadeou num elevado déficit de professores qualificados e a falta de professores representava um entrave na expansão do ensino secundário. O funcionamento das escolas aparece em condições de improviso, posto que

multiplicaram-se os turnos, comprimindo-se seus horários; superlotaram-se de alunos as salas de aula, tornando impossível qualquer atuação mais direta sobre a personalidade desses alunos; recrutaram-se às pressas, professores improvisados, alguns mesmo (12%) sem curso secundário completo. (A NOSSA REVISTA, 1957, p. 5).

O desenvolvimento da educação secundária em razão do interesse das camadas populares por esse nível de ensino torna-se motivo de preocupação por resultar numa considerável queda na qualidade do ensino. Neste sentido, “A nossa escola secundária está sendo tomada como o escalão necessário para a desejada ascensão social, mais do que preparatória para acesso às universidades, como o era antigamente” (A NOSSA REVISTA, 1957, p. 5). Entre as ações pensadas para solucionar o problema do comprometimento da qualidade da educação secundária, a Campanha se encarregou de realizar um conjunto de ações que visava modernizar esse nível de ensino. De acordo como Pinto (2008, p. 166)

Ao longo de sua existência, a Campanha promoveu três simpósios de Orientação Educacional, além de seminários, encontros e cursos radiofônicos; estimulou a criação de cursos para a formação de orientadores educacionais, seja oferecendo sugestões quanto à sua estrutura e ao seu conteúdo, seja fornecendo auxílio financeiro às instituições que os oferecessem e bolsas de estudo aos alunos; publicou 25 Cadernos de Orientação Educacional e todos os números da revista Escola Secundária contêm artigos sobre o tema.

A revista Escola Secundária surgiu como um dispositivo de comunicação destinada aos professores e demais agentes vinculados ao ensino secundário que necessitavam de qualificação profissional. O periódico foi pensado como veículo de assessoria educacional privilegiando as questões relacionadas diretamente com a prática dos professores como

didática, metodologia de ensino, planejamento, avaliação, relatos de experiências, entre outras temáticas necessárias para seu desempenho.

Com edições trimestrais², o primeiro número da Revista foi publicado em junho de 1957 e até o ano de 1963 foram publicados 19 números que serviram como ferramenta de orientação para professores, dirigentes de escolas e demais agentes desse nível de ensino. Em sua apresentação, o diretor do ensino secundário Gildásio Amado, elucida que “É com o desejo de colocar ao alcance dos professores e administradores dos ginásios e colégios do Brasil um instrumento útil ao seu trabalho que a Diretoria do Ensino Secundário, por intermédio da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário, inicia a publicação desta Revista”. (AMADO, 1957, p. 3).

Essa fala indica que a revista serviria como instrumento de assessoria aos docentes e dirigentes escolares do ensino secundário, apresentando novas metodologias a partir de relatos de experiências, sugestões e reflexões ao professorado secundário espalhado pelo país. Isso se dava em razão do elevado número de professores improvisados que atuaram sem a mínima qualificação para tal ofício. Os objetivos da revista são evidenciados no texto de apresentação, segundo o qual

ESCOLA SECUNDÁRIA destina-se a prestar informações, esclarecimentos, sugestões e assistência técnica a esses 40.000 professores secundários que, espalhados por todos os quadrantes do nosso território, trabalham na árdua sementeira da educação e da cultura nacional. Visa também a servir de veículo de intercâmbio entre o professorado brasileiro, na troca de idéias, sugestões e experiências, favorecendo a formação de uma mentalidade mais progressista, mais propícia à observação objetiva, à experimentação renovadora e a revisão crítica dos postulados, finalidades, currículos e métodos em que se baseia toda a atuação educativa de nosso magistério. (A NOSSA ESCOLA, 1957, p.8).

Para alcançar os propostos o impresso foi estruturado em diversas seções que privilegiam as questões para as quais a revista foi pensada. “Nas dezenove edições, são encontrados artigos referentes as seguintes áreas e temas: didática geral, orientação educacional, língua vernácula, latim, línguas estrangeiras, matemática, ciências naturais, história do Brasil, geografia, trabalhos manuais, economia doméstica, desenho, física, química, filosofia e educandários nacionais” (BARALDI; GAERTNER, 2013, P. 78).

Nas páginas direcionadas às orientações gerais, especialmente voltadas para dirigentes, coordenadores e secretários de escolas, percebe-se a preocupação em conscientizar

² Até a edição de número 17º, lançada em 1961, a revista era publicada trimestralmente. As duas últimas edições foram publicadas em 1963.

os agentes educacionais sobre o importante papel ocupado pelo ensino secundário naquele contexto, evidenciando a necessidade de aperfeiçoamento das práticas pedagógicas para adequar-se as transformações socioeconômicas do período. O texto introdutório³ do primeiro número da revista intitulado expressa essa condição ao elucidar que “Um dos fenômenos mais expressivos da recente evolução cultural do Brasil [que] é o espetacular expansão de nossa rede de estabelecimentos de ensino secundário e o seu crescimento em número de matrículas” (A NOSSA REVISTA, 1957, p. 5).

Com relação a sua materialidade, o impresso possui dimensões de, aproximadamente, 25,5mm x 18mm, o número de páginas variava entre 120 e 135 e o formato da capa permaneceu com poucas alterações em seus 19 números. Em sua estrutura, as edições encontram-se dividida em quadro partes que são organizadas da seguinte forma: na primeira aparecem os editoriais com notas introdutórias, conferências, palestras e artigos de reflexão sobre os problemas relacionados ao ensino secundário. Os textos, em sua maioria, são de autoria do corpo editorial da revista e membros da Diretoria do Ensino Secundário vinculados ao Ministério da Educação. As publicações trazem abordagens diversificadas, onde são apresentadas informações sobre a regulamentação do ensino secundário e artigos com temáticas voltadas para orientação, reflexão e relatos de experiências vivenciadas.

Segue-se uma seção intitulada de “Didática” que também apresenta uma variedade de artigos que versam sobre orientações e reflexões voltadas para prática do professor. A seção posterior intitula-se “Orientação Educacional”, cujos estudos discutem temas relacionados a importância do ensino secundário e orientações direcionadas ao trabalho dos dirigentes escolares. Na sequência aparece uma longa seção que contempla artigos direcionadas as disciplinas da base curricular do ensino secundário, a saber: Língua Vernácula, Latim, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, Trabalhos Manuais, Desenho, Educação Física, Química, Física, Filosofia, Línguas Estrangeiras⁴, Economia Doméstica⁵. A análise a seguir ajuda na compreensão dessa distribuição a partir da estruturação do sumário.

A organização do sumário demonstra a intenção de apoiar os professores secundários em seu trabalho cotidiano. Nessa linha temos a seção intitulada “Consultório Didático” que se destinava a receber perguntas e dúvidas de professores secundários das escolas brasileiras e a responder a essas consultas de forma a orientá-los na condução de suas aulas. Outras seções

³ A NOSSA revista. In: **Escola Secundária**, [revista da] Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES), Rio de Janeiro, n.1, 1957, p. 5-9

⁴ A disciplina aparece na edição de nº 18 da Revista Escola Secundária.

⁵ Idem

apresentadas no sumário indicam a preocupação em consolidar os conhecimentos técnicos, advindos da didática e de fornecer subsídios para a preparação de aulas mais atrativas, que interligassem a explicação dos conteúdos específicos de cada área disciplinar com os interesses dos alunos. Outro ponto forte da revista são as sessões destinadas a divulgar os conhecimentos pertinentes à orientação educacional, evidenciando o entendimento de que a boa escola se faz com base em professores qualificados com sólidos conhecimentos sobre a didática, aliada à gestão eficiente da escola. (XAVIER, 2008, p. 135).

No final da revista encontram-se as páginas de notícias da CADES, onde são expostas as ações desenvolvidas pela Campanha. Dessa materialidade, este estudo delimita-se em analisar alguns aspectos sobre orientações teórico-metodológicas voltadas para o ensino de história presentes na seção da disciplina na revista.

A REVISTA “ESCOLA SECUNDÁRIA” E AS ORIENTAÇÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Os textos direcionados ao ensino de história aparecem, na maioria das edições do impresso, em seção compartilhada com geografia. As publicações são de autoria de professores e professoras de história de tradicionais escolas de ensino secundário da região sudeste. Ao longo dos 19 números da revista foram publicados 29 textos direcionados ao ensino de história. São comunicações curtas que ocupam em média 3 ou 4 páginas da revista e são, em sua maioria, de autoria individual.

O quadro – 1 apresenta um resumo das publicações da área de história nos 19 números da revista como forma de ilustrar as questões mais problematizadas acerca da disciplina.

Quadro 1: Seção “História e Geografia⁶” da Revista Escola Secundária (1957 – 1963)

Nº	MÊS/ANO	SEÇÃO	ARTIGO	PAG.	AUTOR
1	Julho/1957	História do Brasil	O ensino de história do Brasil no curso ginasial	55-58	James B. Vieira da Fonseca
2	Setembro/1957	História e Geografia	O historiador e o professor secundário de história	83-85	James B. Vieira da Fonseca
3	Dezembro/1957	História e Geografia	Problemas do ensino de história: dos objetivos teóricos à realidade prática	66-69	James B. Vieira da Fonseca
4	Março/1958	História e Geografia	Plano de curso de história do Brasil (1ª série do Curso Ginasial)	98-101	Lydinea Gasman
5	Junho/1958	História e Geografia	Os programas e o ensino de história	83-86	Guy de Hollanda

⁶ Em alguns números, história e geografia aparecem em seções independentes, cada uma com o nome da área.

6	Setembro/1958	História e Geografia	A excursão em história	95-98	LydineaGasman
7	Dezembro/1958	História e Geografia	O programa de história do curso ginásial (o programa da 3ª série ginásial)	86-89	Vicente Tapajós
			Provas objetivas de História das Américas	90-94
8	Março/1959	História e Geografia	Para o ensino de história na Escola Nova	91-93	LydineaBessadas Gasman
			Um júri simulado (contribuição à didática da história)	94-96	Hugo Weiss
9	Julho/1959	História e Geografia	Casos práticos de verificação da aprendizagem em história	86-88	James B. Vieira da Fonseca LydineaBessadas Gasman
10	Setembro/1959	História e Geografia	O ensino de história pelas interpretações de textos	81-86	Arthur Bernardes Weiss
			A geografia no ensino de historia	78-80	Hugo Weiss
11	Dezembro/1959	História e Geografia	História visualizada através do 'Clube de História'	104-107	TharceuNehrer
			Plano de Curso de História da América	108-111	Vicente Tapajós
12	Março/1960	História e Geografia	O professor e o ensino da história na 1.ª série ginásial	104-107	LydineaGasman
			As artes, ciências e letras no ensino da historia	108-109	Gilda Poli
13	Junho/1960	História	Experimente, por favor!	102-105	Vicente Tapajós
			Plano de curso de história para a 1ª série colegial	105-109	TharceuNehrer
14	Setembro/1960	História	Bossa Nova no ensino de história	107-111	Vicente Tapajós
15	Dezembro/1960	História	O ensino da história no curso ginásio	102-105	Arthur Bernardes Weiss
			Plano de curso de história contemporânea – 3ª série colegial	105-107	TharceuNehrer
16	Março/1961	História do Brasil	O ensino de história do Brasil na 1ª série experimental	104-106	Maria Thereza Padinha
			Bibliografia para História do Brasil	106-109	Eddy Flores Cabral
17	Junho/1961	História e Geografia	Importância do ensino da história	106-108	Maria Thereza Padinha
			Vinte maneiras de ensinar o descobrimento do Brasil	109-112	Vicente Tapajós
18	1963/1964	História	Planejamento e reestruturação de programas de história	115-118	Malca D. Beider
			Considerações em torno do estudo dirigido (sua aplicação no Colégio Militar de Belo Horizonte)	118-121	Daniel Valle Ribeiro
19	1963/1964	História	Necessidades e objetivos do estudo dirigido de história	105-110	Thereza Fernandes Barbosa

Fonte: Seção de história da Revista Escola Secundária, nº 1 ao 19.

Nas publicações é possível identificar textos com temáticas cujas abordagens relacionam-se a diversidade de questões sobre as práticas docentes e problemas em volta da disciplina naquele contexto marcado pela progressiva expansão do ensino secundário e pela necessidade de qualificação de seu professorado. Nesse exame é preciso compreender que “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder” (LE GOFF, 1990, p.545).

Na análise dos textos seguiram-se as orientações de Certeau (2013, p. 69) compreendendo que “Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documento’ certos objetos distribuídos de outra maneira”. Seguindo este postulado, os textos foram classificados em quatro grupos. O critério utilizado para defini-los foi a aproximação dos temas predominantes nas discussões propostas. Assim, um grupo de textos versa sobre reflexões teóricas, um segundo grupo trata sobre planejamento, o terceiro reúne relatos de experiências, enquanto o quarto apresenta sugestões metodológicas sobre o ensino de história. A análise do conteúdo dos artigos operou-se a partir dessa classificação.

O quadro 2, sintetiza a forma como os textos foram classificados nesse estudo.

Quadro2: Abordagens presentes nas publicações das seções e História nas edições da revista

REFLEXÕES TEÓRICAS	PLANEJAMENTO	RELATOS DE EXPERIENCIA	SUGESTÕES METODOLÓGICAS
<ul style="list-style-type: none"> • O historiador e o professor secundário de história. • Problemas do ensino de história: dos objetivos teóricos à realidade prática. • Para o ensino de história na Escola Nova. • A geografia no ensino de historia. • História visualizada através do ‘Clube de História’. • O professor e o ensino da história na 1.ª série ginásial. • As artes, ciências e letras no ensino da historia. • Bossa Nova no ensino de história. • O ensino da história no curso ginásio. 	<ul style="list-style-type: none"> • Plano de curso de história do Brasil (1ª série do Curso Ginásial) • O programa de história do curso ginásial (o programa da 3ª série ginásial) • Plano de Curso de História da América • O professor e o ensino da história na 1.ª série ginásial • O ensino de história do Brasil na 1ª série experimental. • Plano de curso de história para a 1ª série colegial • Plano de curso de história contemporânea – 3ª série colegial 	<ul style="list-style-type: none"> • A excursão em história. • Um júri simulado (contribuição à didática da história). • Casos práticos de verificação da aprendizagem em história. • Experimente, por favor! • Considerações em torno do estudo dirigido (sua aplicação no Colégio Militar de Belo Horizonte). 	<ul style="list-style-type: none"> • Planejamento e reestruturação de programas de história. • Provas objetivas de História das Américas. • O ensino de história pelas interpretações de textos. • Vinte maneiras de ensinar o descobrimento do Brasil.

<ul style="list-style-type: none">• Importância do ensino da história.• Necessidades e objetivos do estudo dirigido de história	<ul style="list-style-type: none">• Bibliografia para História do Brasil• O ensino de história do Brasil na 1ª série experimental		
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Fonte: Seção de história da Revista Escola Secundária, nº 1 ao 19.

No entanto, é importante salientar-se que a classificação definida partiu do critério estabelecido para este estudo podendo, em outras ocasiões, emergir diversas outras categorias conforme outros olhares lançados sobre esses documentos.

Em razão da elevada quantidade de publicações, fez-se necessário estabelecer como critério de análise, um tratamento geral a partir dos grupos temáticos apresentados no quadro 2, privilegiando aspectos pontuais dos artigos como forma de ilustração da discussão.

Nos artigos que tratam de reflexões teóricas sobre a prática docente no ensino de história, o mote das discussões volta-se para a crítica sobre qualificação dos professores cujos conhecimentos insuficientes prejudicam o desenvolvimento da disciplina. Os textos da seção foram assinados por membros da Diretoria do Ensino Secundário, representantes do MEC ou colaboradores cujas concepções estavam em consonância com as ideias em voga. Perpassa pela forma como o conteúdo da disciplina é tratado em sala de aula, cuja preocupação voltava-se para a necessidade de relacionar os conteúdos apresentados com a atualidade e estimular a criticidade do aluno. Exemplo disso pode ser verificado o texto “O historiador e o professor de história”, publicado na edição número 2 da revista, em que o autor chama a atenção para o posicionamento crítico diante dos temas das aulas de história, quando pontua que,

[...] ensinar a ‘ver os fatos de dentro da situação’, não deve ser confundido com ‘ver para aqueles que estão dentro da situação’. Ao professor cabe preparar o espírito observador e crítico dos alunos; incutir-lhes a preocupação com pela procura do acertado; a perseverança, a honestidade de atitudes e de princípios e, nos fatos históricos, nos livros dos historiadores que cada um saiba encontrar a fundamentação para as suas conclusões. Não lhes traçamos rumos; abrimos-lhes horizontes (FONSECA, 1957, p.84).

Mais adiante, aparece a preocupação em estabelecer conexões entre o fato histórico e a atualidade como uma forma de levar o aluno a apreender o significado aos temas apresentados em sala de aula. O autor evidencia essa perspectiva quando destaca que “Por tudo isso, pensamos que, na escola secundária, qualquer que seja o tema da aula de história, são indispensáveis os fios de ligações com os tempos atuais” (FONSECA, 1957, p.84).

No entanto, para o autor a ligação entre presente e passado necessita da colaboração da didática para orientar o professor na forma adequada de trabalhar esses conteúdos. Para tanto, finaliza o artigo apresentando dois exemplos como forma de sugestão para a problemática levantada. Um deles trata de uma aula sobre as capitanias hereditárias em que o autor sugere que o professor aproveite os conhecimentos prévios dos alunos, estabelecendo conexões com os problemas recorrentes de distribuição de terras no Brasil e buscando um diálogo interdisciplinar com a geografia a respeito das grandes regiões do Brasil e sua divisão territorial.

Nessa direção, aparecem diversos outros textos que tratam de problemas emergentes identificados no ensino de história. Textos como, “Para o ensino de história na Escola Nova” e “Importância do ensino da história” são exemplos de reflexões em volta do ensino de história que, na perspectiva dos editores, se constituíam em abordagens privilegiadas para nortear novas formas de pensar a disciplina no ensino secundário.

O artigo “Para o ensino de história na Escola Nova” de Lydinea Gasman, publicado na edição de número 8 pode ser utilizado para ilustrar as críticas sobre o ensino de história naquela ocasião. A autora critica o ensino de caráter patriótico-militar caracterizando-o como mero instrumento de interesses dos governantes. Na sua acepção,

A tendência de elevação moral da consciência patriótica vem demonstrar a prepotência exercida pelos poderes estatais. A história é usada para fins que não aquêles aos quais deveria servir. [...] Ao lado do enaltecimento do patriotismo e da hipertrofia das características político-militares de cada época, acha-se o ensino da história a braços como uma nomenclatura preciosa de reis, batalhas, vitórias e uma quantidade impressionante de datas (GASMAN, 1959, p. 91).

Essa tendência continua sendo refutada pela autora a partir de alguns questionamentos sobre a necessidade de assimilação de tamanha quantidade de informações, levando a baila uma reflexão acerca da finalidade do ensino de história. “Será que o aluno de nível médio apresenta condições que permitam assinalar todos os conhecimentos do saber histórico? Ou será que devemos entender, por saber História, ‘aprender de cor’ listas e conceitos que apenas representam sobrecargas à memória”? (GASMAN, 1959, p. 92).

A autora alerta que “a finalidade do ensino de história não é formar futuros historiadores, e sim educar jovens por meio da história” (GASMAN, 1959, p. 92) e procura responder as questões levantadas a partir das concepções teóricas da Escola Nova por meio da compreensão do aluno como sujeito ativo no processo de construção do conhecimento.

Argumenta que “No ensino em geral e no ensino da História em particular, o que deve importar é o educando. Em função de seus interesses é que a História deve dirigir-se. [...] Em História, o que necessita ser feito é a substituição do método”. (p. 92). A partir dessa ideia, pontua algumas formas de substituição do método criticado por um ensino mais dinâmico voltado para os interesses dos alunos.

No texto “Importância do ensino da história” de Maria Thereza Padilha, divulgado na edição de número 17, de junho de 1961, manteve-se o tom de crítica a respeito dos métodos aplicados ao ensino de história. O ensino tradicional constitui-se um entrave no desenvolvimento do aluno e na compreensão da disciplina. O ensino tradicional compreendia a história “como arte simples e exaustiva de decorar fatos, nomes e datas. Para ser um bom professor de história bastava que o indivíduo possuísse uma memória colossal, capaz de reter o máximo de nomes e datas possíveis e imagináveis” (PADILHA, 1961, p. 106).

Assim como Gasman (1959), Padilha (1961) enxerga na Escola Nova o caminho ideal para pensar o ensino de história, pondo o professor como intermediador do processo de construção do conhecimento histórico. Para ela

O mestre da Escola Nova não vai necessitar de larga erudição em sua matéria (ele não é um historiador e sim, um juízo imparcial e patriótico, com poder de despertar interesse e entusiasmo nos seus alunos e, por fim, conhecimento dos livros e fontes históricas bem como melhores meios de deles se servir. (PADILHA, 1961, p.106-107).

Em seguida discute a evolução do ensino de história, apresentando suas vantagens e os procedimentos didáticos que devem ser utilizados na disciplina. Depois disso, aborda o papel do professor de história no desenvolvimento do espírito crítico do educando, bem como a responsabilidade do professor.

Na seção de planejamento percebe-se grande preocupação em colaborar com os professores na organização de programas de ensino, no planejamento e operacionalização das aulas. Planos de cursos foram publicados para servirem de modelos para os docentes de história planejarem suas aulas tendo-os como norte.

Servem como exemplo os textos “Plano de curso de história do Brasil (1ª série do Curso Ginásial)” de Lydínea Gasman, “Plano de Curso de História da América” de Vicente Tapajós, “Plano de curso de história para a 1ª série colegial” e “Plano de curso de história contemporânea – 3ª série colegial” ambos de autoria do professor Tharceu Nehrer, publicados respectivamente nas edições de número 4, 11, 13 e 15.

Os modelos e sugestões de programas davam-se em razão da crítica estabelecida as propostas trabalhas pelos professores, sobretudo em razão da falta de formação insuficiente da maioria daqueles que atuavam na área. A esse respeito, Holanda (1958, p. 85) posiciona-se criticamente diante dos programas da disciplina ao pontuar que “Já criticamos, alhures, os programas de história vigentes, parecendo-nos, agora, mais oportuno assinalar quais as características desejáveis dos que venham a substituí-los”.

O plano de curso de história do Brasil da 1ª série do curso ginásial elaborado pela professora Lydinea Gasman, do Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia mostra, em detalhes, os componentes que devem ser utilizados no programa. Constam cinco objetivos gerais e cinco específicos, programação do tempo de aulas, reorganização da matéria em unidades, recursos materiais utilizados, proposta de atividades docentes e discentes, além de atividades extracurriculares. Nos objetivos propostos percebe-se que a formação social configurava-se entre as maiores preocupações presentes no programa de ensino. Os dois primeiros objetivos ilustram essa preocupação:

- Inculir nos alunos bons hábitos que visem não apenas à sua atuação na escola, e muito menos na história, mas que sirvam para sua vida em sociedade, qualquer que seja o seu futuro campo de ação;
- Preparar física e moralmente a personalidade do educando, como elemento básico para o bem estar social. (GASMAN, 1958, p.98)

Quanto aos conteúdos a autora sugere sua distribuição ao longo de 10 unidades privilegiando uma sequência cronológica dos temas seguindo a tradição historiográfica dos compêndios de história do Brasil.

O “Plano de curso de história para a 1ª série colegial” de Tharceu Nehrer aparece com importantes sugestões para a organização do planejamento da disciplina. Elaborado para ser desenvolvido no Instituto Carlos A. Werneck, de Petrópolis, o autor esclarece que

O presente plano não é nenhuma obra utópica, nem tampouco modelar. Trata-se de uma tentativa de despertar interesse pela História em nossos jovens do 2º ciclo (quando já se vislumbra em suas mentes uma escolha de carreira), que, de modo geral, não vêem a aplicação prática da História Antiga na atividade profissional almejada. [...]. Em suma, o que desejamos é um aprimoramento de nosso nível e, quiçá, que este Plano possa ser aproveitado, depois de convenientemente estudado e adaptado, por nossos colegas de ensino. Pelo menos foi esse o nosso escopo. (NEHRER, 1960, p. 105)

Entre os objetivos propostos destaca a necessidade de estimular o interesse dos educandos pela disciplina e pelas sociedades antigas. Os conteúdos são distribuídos em dois grandes blocos relativos ao primeiro e ao segundo semestre divididos em unidades didáticas. No primeiro bloco, os temas abordados incluem estudos referentes a teorização conceitual da disciplina, seguidos dos estudos das civilizações orientais até alcançar a formação da Grécia Antiga.

O segundo bloco aborda desde o legado cultural grego até o advento do Cristianismo, seguindo os postulados da historiografia tradicional. As inovações aparecem nos procedimentos metodológicos para o desenvolvimento das aulas. Para exemplificar, o autor observa que “no final de cada Unidade Didática, haverá prova objetiva de verificação de aprendizagem; durante uma aula, haverá projeção de diafilmes (história da Humanidade e Origens do Homem) comentada” (NEHRER, 1960, p. 105).

Chama atenção as dicas de atividades docentes e discentes, de atividades extraclasse e as sugestões de livros a serem utilizados pelo professor em sala de aula. Propõe-se como atividade que “no 2º período, cada mês, haverá trabalhos práticos (monografias, elaboração de quadros e maquetes e dicionários de palavras-chaves); no mês de outubro haverá um júri simulado, subordinado ao tema “O julgamento de Cristo” (NEHRER, 1960, p. 108).

Importante destacar a diversidade de atividades extraclasse elencadas:

- A partir do 2º mês, haverá excursão ao Rio de Janeiro, onde serão visitados os museus. As excursões obedecerão à técnica prevista. [...] As excursões serão de um dia cada;
- no estudo de Roma, deverá haver uma conferência sobre “Cesar”;
- bi-semanalmente, o jornal-mural será reorganizado;
- a Biblioteca do Clube de História estará franqueada aos alunos; nas aulas de estudo dirigidos serão usados os seus livros;
- o Museu Escolar será aumentado com os trabalhos práticos dos discentes.(NEHRER, 1960, p. 108).

A intenção era que essa diversidade de atividades pudesse ser adaptada pelos professores secundários como forma de dinamizar as aulas de histórias. Outro ponto de destaque são as dicas de livros para serem utilizados nas aulas da disciplina. O livro didático indicado era “História Antiga” de Armando Souto Maior. Contudo, outras obras⁷ são indicadas para auxiliar o professor.

⁷ História geral, de Delgado de Carvalho. INEP/CBPE-MEC, 1956; Curso de história universal, de A. Malet: livros referentes a Antiguidade. 3 vols. LibreriaHachette; entre outros.

Os relatos de experiências correspondem aos textos produzidos como o objetivo de divulgar práticas docentes desenvolvidas com relativo sucesso em determinadas escolas. Servem como exemplos os artigos, “A excursão em história” de Lyndinea Gasman; “Um júri simulado” de Hugo Weiss; “Casos práticos de verificação da aprendizagem em história” de James Viana da Fonseca e Lyndinea Gasman; “Experimente, por favor!” de Vicente Tapajós e “Considerações em torno do estudo dirigido” de Daniel Valle Ribeiro.

Em “A excursão em história” encontra-se um relato detalhado de uma excursão realizada com alunos do Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia. Na primeira parte a autora elenca todas as etapas de planejamento da atividade, em seguida expõe um relato da experiência vivenciada propriamente dita. A excursão teve duração de seis dias e como destino, Minas Gerais. O roteiro incluiu Belo Horizonte e as cidades circunvizinhas.

Após o detalhamento da experiência a autora conclui da seguinte forma:

Nossa atitude, durante toda a viagem, foi sempre a de uma incentivadora e orientadora. Motivávamos o grupo, tratávamos de conduzi-lo aos caminhos mais eficientes. Tentávamos sempre fazer com que os alunos agissem, trabalhassem na construção de seu próprio saber. Nem sempre respondíamos a questões formuladas. Nem sempre esclarecíamos dúvidas. Este comportamento, porém, ocorria para questões que achávamos acessíveis aos alunos, para aquelas que eles mesmos, poderiam resolver. Evidentemente, quando as perguntas necessitavam de uma resposta que não dependia somente de trabalho, e sim de um conhecimento mais profundo de qualquer, tratávamos de elucidá-la. (GASMAN, 1958, p. 97).

Outro exemplo de experiências bem sucedidas encontra-se no texto “Experimente, por favor!” de Vicente Tapajós, onde são ilustradas “[...] duas aulas que foram dadas, várias vezes, com inteiro êxito. Nelas o professor deixou de ser ator, para ser realmente mestre”. (TAPAJÓS, 1960, p.102).

A “Aula A” foi desenvolvida a partir do uso de documentos históricos e a “Aula B” por meio do uso de poesia. Nos dois casos são detalhados os roteiros de desenvolvimento das aulas incluindo indicações dos materiais possíveis de serem usados nesse tipo de atividade. O autor elenca as vantagens obtidas com essa metodologia. Entre outros benefícios com esse tipo de aula, são mencionados:

- O processo torna o aluno ativo dentro da aula;
- Habitua-o à consulta do compêndio e dos livros especializados sem a preocupação de decorar;
- Possibilita ao aluno adquirir conhecimento e prática do método histórico;

- Ajuda-se o aluno a ganhar confiança no próprio esforço e em sua inteligência;
- Evita-se o abuso de nomes e datas que tanto prejudicam o ensino de história. (TAPAJÓS, 1960, p.102).

Esses e outros relatos, além de divulgar as experiências de aulas bem sucedidas eram utilizados como uma forma de estimular os professores secundaristas a desenvolver tais práticas mais dinâmicas e produtivas para suas aulas.

Com relação as sugestões metodológicas, merece destaque os textos “O ensino de história pelas interpretações de textos” de Arthur Bernardes Weiss e “Vinte maneiras de ensinar o descobrimento do Brasil” de Vicente Tapajós, publicado nos números 10 e 17, respectivamente. Chama a atenção o texto de Tapajós (1961) pela proposta de trabalhar o tema “Descobrimento do Brasil” de vinte maneiras diferentes. Segundo ele

A idade e o nível mental dos alunos, as condições materiais da escola, os objetivos a serem alcançados pela lição e a própria capacidade inventiva do professor permitem que o mesmo assunto possa ser ensinado das mais diversas maneiras, empregando-se, conforme as circunstâncias, métodos e técnicas diferentes. (TAPAJÓS, 1960, p.109).

As diferentes formas de abordar o tema são expostas a partir de um conjunto de técnicas, com destaque para a técnica expositiva, técnica da rede coberta, técnica de estudo dirigido, situação-problema, interpretação de mapa, entre outros. Tomando como exemplo a técnica de situação-problema o autor a expõe da seguinte maneira:

Situação-problema – Lançar um problema sobre o descobrimento para que seja resolvido pelos alunos, que procederão a pesquisa – iniciadas em classe sob a orientação do professor. Os alunos, completados os trabalhos, deverão discutir as soluções apresentadas. Exemplo de problema: “Diante dos conhecimentos náuticos e geográficos dos portugueses é possível admitir-se que haja sido casual o desvio da frota de Cabral para o ocidente”. (TAPAJÓS, 1961, p.110).

Outra sugestão elencada é a técnica dos meios áudio-visuais, privilegiando o cinema, pensada como forma de dinamizar as discussões acerca da temática, mas que poderia ser aplicada em outras temáticas abordadas na disciplina. A técnica é descrita da seguinte forma:

Meios áudio-visuais: cinema – Projeção do filme ‘O descobrimento do Brasil’, de Humberto Mauro, com música de Vila-Lobos. Mandar que os alunos reconstituam, oralmente ou por escrito, o que viram na tela,

resolvendo-lhes a aprendizagem com o estudo, rápido, das questões e dúvidas ainda existentes sobre o descobrimento. (TAPAJÓS, 1960, p.110).

Embora elucidadas como formas inovadoras de trabalhar as aulas deve-se observar que o uso desses recursos e condições não era comum em todos os espaços escolares, sobretudo nas escolas espalhadas por regiões mais distantes dos grandes centros. O que demonstra que as orientações propostas na revista tinham como referência apenas as práticas vivenciadas nas regiões mais desenvolvidas, enquanto que a maior parcela de professores que necessitava das orientações atuavam em regiões distantes dos centros desenvolvidos. Mesmo assim, o periódico teve importante colaboração no processo de orientação, formação e qualificação dos professores secundaristas do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Revista foi um importante instrumento para o processo de formação de corpo docente secundário, posto que seu conteúdo continha orientações educacionais e pedagógicas que contemplava todos os agentes escolares, sobretudo para os professores em suas respectivas áreas de atuação. Os discursos presentes indicam uma constante preocupação em conscientizar os professores da necessidade de se adaptarem aos novos modelos de ensino que o contexto exigia.

Com relação ao ensino de história, a “Escola Secundária” foi um importante veículo de assessoria para os professores em razão da emergência da escola secundária e da inadequada formação da maioria de seus docentes. As publicações da seção expõem orientações didáticas, sugestões metodológicas, relatos de experiência, discussões teóricas fundamentais para o processo de formação e reflexão sobre a prática dos professores que atuavam improvisadamente devido sua inadequada formação.

A discussão proposta a partir da análise de alguns textos sobre planejamento, relatos de experiência, sugestões metodológicas, reflexões teóricas evidência a preocupação da revista em servir como dispositivo de assessoria para os professores secundaristas da área de história. Obviamente os temas abordados nos artigos publicados no impresso ainda não têm ocupado o lugar merecido no campo da história da educação. Tal documentação apresenta uma série de possibilidade de estudos em razão da riqueza de informações nela contida.

REFERÊNCIAS

AMADO, Gildásio. Apresentação. In: **Escola Secundária**, [revista da] Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES), Rio de Janeiro, n.1, 1957

A NOSSA revista. In: **Escola Secundária**, [revista da] Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES), Rio de Janeiro, n.1, 1957, p. 5-9.

BARALDI, Ivete Maria; GAERTNER, Rosinéte. **Textos e contextos**: um esboço da CADES na história da educação (matemática), Blumenau, Edifurb, 2013.

BRASIL. **Decreto nº 34.638, de 17 de Novembro de 1953**. Institui a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário – CADES.

CATANI, Denice Barbara. A imprensa periódica educacional e o estudo do campo educacional. In: **Educação e Filosofia**, Minas Gerais, v. 10, n. 20, 1996, p. 115-130.

CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: _____. **A História Cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p.13 – 28.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica [de] Arno Vogel. 3 ed. Rio de Janeiro, Forense, 2013.

ESCOLA SECUNDÁRIA, [revista da] Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES), Rio de Janeiro, n.1 – 19, 1957/196?.

FONSECA, James B. Vieira da. O historiador e o professor secundário de história. In: **Escola Secundária**, n. 2, set. 1957, p. 83 – 85.

GASMAN, Lydinea. Plano de curso de história do Brasil. In: **Escola Secundária**, n. 4, maç. 1958, p. 98-101.

_____. A excursão em história. In: **Escola Secundária**, n. 6, set. 1958, p. 95-98.

HOLANDA, Guy de. Os programas e o ensino de história. In: **Escola Secundária**, n. 5, jun. 1958, p. 83 – 86.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Território plural: a pesquisa em história da educação.** São Paulo: Ática, 2010.

NEHRER, Tharceu. Plano de curso de história para a 1ª série colegial. In: **Escola Secundária**, n. 13, jun. 1960, p. 105 – 109.

PINTO, Diana Couto. Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário: uma trajetória bem-sucedida? MENDONÇA, Ana Waleska; XAVIER, LibâniaNacif. **Por uma política de formação do magistério nacional: o Inep/MEC dos anos 1950/1960 / organizadoras.** – Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008. 260 p. (Coleção Inep 70 anos, v. 1)

TAPAJÓS, Vicente. Experimentem, por favor. In: **Escola Secundária**, n. 13, jun. 1960, p. 102 – 105.

_____. Vinte maneiras de ensinar o descobrimento do Brasil. In: **Escola Secundária**, n. 17, jun. 1961, p. 109 – 112.

XAVIER, Nacif Xavier. Qualificação de professores em três campanhas do Ministério da Educação no decênio 1950-1960. In: MENDONÇA, Ana Waleska; XAVIER, LibâniaNacif. **Por uma política de formação do magistério nacional: o Inep/MEC dos anos 1950/1960 / organizadoras.** – Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008. 260 p. (Coleção Inep 70 anos, v. 1)

Recebido em: 05 de maio de 2018.

Aprovado em: 20 de junho de 2018.